



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

ISSN: 1695-7121

info@pasosonline.org

Universidad de La Laguna
España

Banducci Júnior, Álvaro; Santos Lobo, Heros Augusto
Turismo em cavernas e as representações do mundo subterrâneo
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 10, núm. 5, 2012, pp. 585-594
Universidad de La Laguna
El Sauzal (Tenerife), España

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88124507013>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Turismo em cavernas e as representações do mundo subterrâneo

Álvaro Banducci Júniorⁱ

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)

Heros Augusto Santos Loboⁱⁱ

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Brasil)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar alguns dos sentidos inerentes às experiências turísticas em cavernas. Os estudos que tratam da definição e classificação do espeleoturismo apontam para uma grande diversidade de situações e motivações que animam seus praticantes, desde o simples lazer e entretenimento até a busca por sensações inusitadas e um maior envolvimento com os ambientes subterrâneos. Voltado para essa última categoria de visitantes a cavernas, cuja prática é distinta de um turismo massivo, o estudo aborda aspectos como as configurações espaço-temporais e sua influência na percepção e vivência dos ambientes subterrâneos e como essas experiências tendem a interferir nas sensibilidades dos espeleoturistas e a determinar novas relações com o outro e com a natureza.

Palavras-chave: Espeleoturismo; Representações mentais; Percepção ambiental; Novas sensibilidades

Title: Cave Tourism and representations of the underworld

Abstract: This paper aims to identify and analyse the meanings inherent in the tourist experiences in caving. The studies related to the definition and classification of the speleotourism lead to a wide range of situations and motivations that stimulate the ones who practice it from a simple form of leisure and entertainment to the ones who are in search of unique sensations and a bigger involvement with underground environment. Dealing with this last category, the caves visitors whose practice is different from the mass tourism, this study presents aspects such as spatial-temporal configuration and its influence on the perception and habits of this underground environment, showing how these experiences tend to interfere into the Speleotourists sensibility as well as determine new relations with the Other and the nature.

Keywords: Speleo-tourism; Mental representation; Environmental perception; New sensibility.

ⁱ Universidad Rey Juan Carlos. Departamento de Economía de la Empresa. E-mail: ana.munoz@urjc.es

ⁱⁱ Ulysses Foundation. E-mail: president@ulyssesfoundation.org

“Deixai toda a esperança, ó vós que entraís”
(Dante Alighieri)

Introdução

As cavernas sempre se constituíram em referência para as sociedades humanas, seja como abrigo e espaço de realizações cerimoniais, em tempos remotos, seja como santuários ou centros de peregrinação; locais de investigações científicas; e como atrativos turísticos, que, no contexto contemporâneo, têm despertado a atenção e o interesse crescentes de diferentes categorias de visitantes.

No que diz respeito aos turistas, muitos são os fatores que os mobilizam em seu desejo de conhecer cavernas, desde o lazer e a religiosidade, o espírito esportivo e de aventura, até o interesse pela natureza e seu aspecto místico, o que faz desses visitantes categorias bastante heterogêneas e multifocadas.

Nas mais diversas regiões do mundo, a fim de atender à demanda crescente e variada dos turistas por conhecer cavidades subterrâneas, uma série de estruturas têm sido implantadas no sentido de torná-las mais acessíveis e adaptadas aos visitantes. Em casos extremos, como nas *show caves*, as cavernas são transformadas em verdadeiros espaços artificiais, com luzes coloridas, painéis, telões e até música ambiente. Este é um modelo muito comum na Europa e na China, sendo destinado ao turismo de massa. No Brasil, algumas cavernas voltadas para o turismo massificado também receberam estruturas desse tipo, como a gruta de Maquiné, em Cordisburgo, MG, e a caverna do Diabo, em Eldorado, SP.

Outras há em que ocorrem visitas religiosas, como acontece na lapa Nova, em Vazante, MG, ou na lapa da Igreja, em Bom Jesus da Lapa, BA. Mesmo que considere os locais santificados, é difícil separar, nesses contextos, o peregrino do visitante fortuito. Ao investigar as romarias em Bom Jesus, o antropólogo Carlos Steil (2003) identificou entre os visitantes não apenas um grupo motivado por interesses e compromissos religiosos, mas também pessoas curiosas em conhecer as manifestações populares, expressas justamente nas crenças e práticas dos romeiros.

Assim, mesmo em espaços e circunstâncias marcadamente religiosos, como nas romarias e nas peregrinações, é possível identificar a presença de turistas, cujos interesses estão voltados prioritariamente para a observação dos acontecimentos, que a seus olhos tornam-se uma espécie de espetáculo a ser desfrutado e consumido. Para Steil (2003), no entanto, as duas categorias de visitantes não necessariamente são excludentes, pois ora os peregrinos se confundem com os turistas, hospedando-se em hotéis confortáveis, adquirindo suvenires, visitando e participando de festejos e atrações locais; ora os turistas deixam-se levar pelo espírito e a comoção religiosos, participando das celebrações tal como os devotos, orando, realizando pedidos e promessas e levando consigo objetos bentos destinados a proteção e a curas.

Há alguns anos, uma nova modalidade de visitas

em cavernas vem ganhando adeptos. Trata-se do turismo motivado pela sensibilidade em relação à natureza, pela aventura e por vivências inusitadas, seja em termos físicos ou espirituais (V. Figueiredo, 1998 e Travassos, 2010). Abrigadas na categoria espeleoturismo, essas modalidades turísticas costumam propiciar sentimentos ambíguos aos visitantes desses espaços naturais. De um lado há o temor pelo inóspito e o desconhecido e, de outro, o prazer e o deslumbramento com as belezas do mundo subterrâneo. Somados a esses sentimentos há o desafio dos limites físicos e mentais, ao mesmo tempo em que os praticantes vivenciam experiências coletivas de troca e ajuda mútua, distintas daquelas do cotidiano urbano e atomizado.

O presente trabalho está voltado justamente para essa categoria de espeleoturistas, os visitantes que congregam tanto o espírito aventureiro quanto atitudes e sentimentos de respeito, admiração e, não raras vezes, de adoração e reverência face às cavidades subterrâneas, fazendo dessas visitas uma espécie de experiência sagrada. Mesmo o uso de técnicas, equipamentos e a obediência a regras estritas nas visitas espeleoturísticas, compreendem uma série de procedimentos marcadamente ritualísticos que corroboram na promoção desse ambiente de sacralidade que envolve e dá sentido a essa prática turística.

Ademais do público específico, essa investigação centra-se em dois aspectos básicos. De um lado, procura mostrar como se construíram historicamente as representações humanas em torno das cavernas e como elas interferem, ainda hoje, nas visitas espeleoturísticas, despertando sentimentos de atração e repulsa – ora apartados, ora imbricados – em relação ao ambiente cavernícola. De outro, busca identificar e analisar alguns dos sentidos inerentes às experiências em cavernas, discutindo aspectos como as configurações espaço-temporais e sua influência na percepção e vivência desses ambientes pelos espeleoturistas e como essas experiências tendem a interferir e determinar novas relações com o outro e com a natureza.

As representações sobre as cavernas: de sepulcro a espetáculo

As imagens associadas ao mundo subterrâneo, seja na literatura, no cinema ou no ideário popular, frequentemente remetem a sentimentos e sensações de frieza, medo, desespero, opressão e asfixia, decorrentes, dentre outros fatores, da escuridão, do confinamento espacial e da relação com o desconhecido. Nesse contexto imagético, as cavidades naturais costumam ser habitadas por criaturas horrendas e mortais, verdadeiras bestas sanguinárias e inconscientes, sempre prontas a confrontar os visitantes que nelas se aventuram.

Esse aspecto sombrio e hostil não é exclusividade de uma imaginação ficcional contemporânea. Ao contrário, na Bíblia, a palavra “caverna” aparece nove vezes. Em todas elas, o sentido dado ao termo é de esconderijo, covil, refúgio e, sobretudo, sepulcro. O vocábulo abismo – uma caverna em formato vertical – também é citado, com a co-

notação de buraco sem fundo nas profundezas da terra, servindo de morada e prisão dos maus espíritos. No Gênesis, o mito fundador da natureza intocada, as cavernas, assim como outras formações naturais, tais como escarpas, montanhas e mesmo o mar (V. Corbin, 1989) possuem uma conotação sombria, carregada de sentido negativo, sendo locais em que não existe paz e alegria, pois que permanentemente ameaçadores.

De fato, no debate sobre a história natural da terra, que tinha como referência informações contidas na Bíblia, o Paraíso era comumente associado a uma paisagem suave e plana, sendo estética e ambientalmente doce e agradável. Como demonstrou Corbin (1989), vários teóricos do século XVII e XVIII, como Thomas Burnet e William Whiston, descreviam a superfície terrestre antediluviana como sendo plena de beleza e destituída de montanhas, rochedos e orifícios cavernosos. Os mares, quando existiam, eram calmos e desconheciam as tempestades. Conforme Tuan (1980), a terra somente adquiriu sua forma irregular, repleta de protuberâncias e cavidades, como resultado da Queda, do pecado humano.

O imaginário cristão sobre ambientes considerados ameaçadores e demoníacos, sobretudo no que diz respeito às cavernas, foi fortemente alimentado, desde a cultura medieval, pelo retrato construído com a poesia de Dante Alighieri que, na Divina Comédia, associa o inferno a uma grande cratera existente no interior do globo terrestre. Numa das obras mais lidas na história do Ocidente, Dante é conduzido às profundezas da terra com o intuito de conhecer, através dos castigos e penitências das almas danadas, o caminho da retidão e da redenção humanas, do qual via distanciada a sociedade de sua época. Não são amigáveis os percursos trilhados pelo poeta nesse ambiente nebuloso. Oposto ao purgatório, que se constitui de uma montanha elevada em direção ao céu; e ao paraíso, que é o próprio espaço celeste, o empíreo; o inferno de Dante é um cenário escuro e hostil, repleto de abismos e rios ardentes, freqüentado por figuras pérfidas e horrendas. Nele predominam a dor e o pranto, alimentados pela ira e a malignidade.

As sombras, companheiras da demência e do pecado, continuam a representar, entre os seguidores de Dante, a morada de Satã. Como mostra Delumeau, entre os séculos XIV e XVII, o mundo infernal – “caverna sombria”, “abismo profundo” – é um espaço de trevas e de perigos, habitado por demônios, monstros e outros seres aterrorizantes. Mas, é na ausência de luz que o historiador identifica grande parcela desse medo coletivo. Ao tratar das representações em torno das sombras da noite, no início da Idade Moderna, e dos perigos que lhe são inerentes, Delumeau explica que “o desaparecimento da luz nos confina no isolamento, nos cerca de silêncio e portanto nos ‘desassegura’” (1990: 99).

O sentimento de horror em torno das cavidades subterrâneas e, de um modo geral, às formações naturais consideradas hostis aos homens, perdurou até o século XVIII (Macnaghten & Urry, 1998), quando as imagens de aflição e medo começaram a ceder lugar a outras representações

em torno desses ambientes. Desmistificado pelo romantismo, pela ciência e também pela popularização crescente das viagens (Thomas, 2001), o mundo natural começou a adquirir, na sensibilidade coletiva ocidental, novos parâmetros valorativos e interpretativos. As montanhas, com seu ar leve e ameno, começaram a ser vistas como locais apropriados para a restauração da saúde (Tuan, 1988). A oceanografia, nos finais de 1700, caminhou em passos largos no sentido de dissipar os mistérios do oceano (Corbin, 1989) e a popularização dos balneários marítimos e do banho de mar, a princípio com fins medicinais e posteriormente de recreação e lazer, ressignificaram e valorizaram a relação com o mar (Urry, 1996).

Ao final do século XIX as representações em torno do ambiente haviam sofrido mudanças significativas. O mundo natural tornou-se desencantado e, como tal, apto a ser dominado pelo homem (Thomas, 1988: 28). Ao comparar as atitudes chinesas com a imagem ocidental em torno das montanhas, Tuan afirma que “em ambas as civilizações houve uma mudança da atitude religiosa – na qual o temor se combina com a aversão – para uma atitude estética que se transformou, de um sentimento pelo sublime, para um sentimento pelo pitoresco; para a avaliação moderna das montanhas como recurso recreativo” (1980: 82).

Referindo-se ao papel das paisagens na memória das sociedades modernas, Macnaghten & Urry (1998) acrescentam que associado ao senso estético, o qual vinculam às expressões artísticas da natureza, e ao senso científico, novas noções “humanísticas e culturais” vieram se somar às representações das paisagens, tal como a noção de sublime. A partir dessas referências estéticas e valorativas, o ambiente natural passa a se constituir em espaço de contemplação, em cenário. Como decorrência, dirão eles, até o final do século XIX, a experiência sensorial, que passa a enfatizar o papel do olhar no mundo ocidental, terá definido os novos sentidos para a natureza. Segundo os autores, a “crescente hegemonia da visão nas sociedades européias e sua capacidade de organizar os outros sentidos produziu uma transformação da natureza de tal modo que ela se transformou em espetáculo”¹ (1998: 113). Nicholas Green acrescenta, nesse sentido, que, traduzida pelos escritores românticos, a natureza será largamente associada a “lazer e prazer – turismo, entretenimentos espetaculares e repouso visual” (Green, 1990, apud. Macnaghten & Urry, 1998: 115), o que lhe confere o caráter de produto destinado ao consumo humano. Assim, a natureza terá sido transformada em objeto de um olhar específico, como o do turista, interessado em conhecê-la e consumi-la com fins de entretenimento, de obtenção de prazer, como mercadoria.

A idéia do sublime, uma das variações do discurso visual, permitiu, no dizer de Macnaghten & Urry (1998), “aos mais aterrorizantes aspectos da natureza serem re-interpretados como parte de uma significativa experiência estética”² (114), promovendo, inclusive, diante de ambientes naturais considerados adversos, sentimentos simultâneos e contrapostos, como os de terror e de deleite.

Esses sentimentos ambíguos estão muito intimamente

relacionados às experiências turísticas em espaços subterrâneos. As belezas cênicas e os mistérios que a terra reserva em suas profundezas costumam provocar excitação e grande fascínio nos visitantes, ao mesmo tempo em que sentimentos de opressão e medo são por eles vivenciados³. Em outros termos, mesmo dispondo de potencialidades espeleofílicas, ou seja, possuindo belos cenários e outros atrativos naturais, as cavernas mantêm vivas as representações espeleofóbicas que fazem delas locais de aventuras e perigos.

Os aspectos negativos, como o perigo e o medo, não serviram para afastar os visitantes dos ambientes cavernícolas. Ao contrário, mesmo envolta numa representação ambígua, as mudanças que ocorreram nos padrões de reflexividade e sensibilidade em torno da natureza e suas paisagens, serviram para estimular a prática do turismo em ambientes subterrâneos. Locais considerados distantes e inóspitos, tornaram-se desejáveis e acessíveis a um público amplo, em busca de espaços de contemplação, aventura e deleite.

Reforçada por iniciativas de marketing, a imagem do mundo subterrâneo passa a ser associada, no contexto do turismo, a experiências exóticas, inusitadas e mesmo sagradas. O modo e a intensidade com que elas são vivenciadas pelos turistas de cavernas variam conforme sejam as suas demandas e o tipo de visitas feitas aos ambientes cavernícolas (El-Dash & Scaleante, 2005). Sendo distintas as modalidades de turistas, bem como seus interesses, as visitas resultam em práticas diversificadas, que se traduzem em vivências ambientais e pessoais dissociadas e muitas vezes incompatíveis. Assim, se de um lado o turismo, ao facilitar o acesso ao mundo subterrâneo, contribui para intensificar o consumo da natureza, transformada em espetáculo, de outro, promove experiências inusitadas que tendem a estimular diferentes modos de representar e se relacionar com o ambiente, que definem, por sua vez, novas sensibilidades em relação à natureza e, em particular, com respeito ao ambiente cavernícola.

Exploração de cavernas e espeleoturismo

Diversos estudos têm buscado definir o perfil dos visitantes de cavernas, incluindo os turistas, de modo a contribuir, entre outros aspectos, para a compreensão do mercado e suas demandas em torno dessa atividade. Rasteiro (2007), no esforço por classificar os frequentadores de cavidades subterrâneas, apontou que não necessariamente aqueles que se definem como espeleólogos enquadram-se na categoria de pesquisadores científicos, tal como indica essa denominação. Em muitos casos, nem mesmo são praticantes técnicos frequentes, categoria que o autor classifica como espeleístas. Seguindo nesta mesma vertente, Figueiredo (2010) apresenta uma proposta de divisão das atividades humanas em cavernas que comporta três modalidades de práticas: o espeleoturismo, o cavernismo ou espeleísmo e a espeleologia. As atividades do espeleoturista costumam ser, dentre outros aspectos,

esporádicas, focadas e institucionalizadas. O espeleísta, por seu lado, é o praticante que detém domínio técnico, é o esportista, aquele que se aventura em explorações a cavidades subterrâneas. Por fim, o espeleólogo é o pesquisador, cujas incursões a cavernas possuem fins científicos.

Ainda que esse esforço classificatório seja útil para fins de políticas públicas e práticas de gestão, a sua aplicação na análise dos frequentadores de cavernas é sobretudo complexa. Percebe-se de antemão que as categorias preliminarmente possíveis – espeleólogos, espeleístas e espeleoturistas – definidas a partir de uma fronteira tênue e móvel que mescla o gosto pela aventura, o fascínio pela natureza e a observação acurada do ambiente, não raro se confundem. Lobo (2011) comenta que não existe uma classificação absoluta, de modo que uma determinada pessoa *nunca* é totalmente espeleólogo, espeleísta ou espeleoturista. Ocasionalmente, ela *está* em uma destas categorias, dependendo de sua prática no interior de uma caverna. Tais reflexões permitem inferir que qualquer pessoa que frequenta cavernas, em algum momento de suas visitas, é um espeleoturista, ou seja, uma pessoa que desenvolve atividades não obrigatórias ou remuneradas em uma caverna, tendo, dentre outros aspectos, o lazer como motivação de sua prática.

Em outro esforço classificatório, com enfoque privilegiado sobre a atividade turística em cavernas, Scaleante (2005) identifica diferentes categorias de visitantes a espaços subterrâneos, agrupados segundo o grau de frequência e a forma de visita ao ambiente cavernícola. Nesse modelo classificatório, ainda que detentor de categorias porosas⁴, a autora apresenta duas modalidades amplas e distintas de turistas de cavernas claramente contrapostas. De um lado, há o turista “convencional”, aquele que pratica uma modalidade de visita massiva e controlada a cavernas e grutas, geralmente interessado em conhecer, de forma segura, rápida e distanciada, algumas paisagens típicas dos ambientes subterrâneos.

Para atender a esse público as cavidades subterrâneas são dotadas de iluminação artificial, de infra-estrutura de segurança e acesso e têm os atrativos previamente definidos e controlados. As cavernas, desse modo, são transformadas em espetáculo visual, em nada diferentes de outras paisagens artificiais, senão sua condição própria de mundo subterrâneo. Esse modelo de turismo tem ocorrido, por exemplo, na gruta de Maquiné e na caverna do Diabo, anteriormente mencionadas. Nessa modalidade turística prevalece a perspectiva impessoal e asséptica, comum nas viagens massificadas.

O turismo em cavernas, entretanto, não se restringe a esse tipo de contato. Outras modalidades de visitantes, identificadas por Scaleante (2005), diferenciam-se do turista de massa tendo em comum o interesse pelo inusitado e o desejo de manter contato mais próximo com ambientes singulares e de difícil acesso. A categoria que mais se aproxima desse modelo é a que denomina de espeleólogo explorador que, nesse caso constitui uma categoria de turista. De modo geral, ele está à procura de uma ocasião para romper com a rotina do cotidiano, distanciar-

se espacial e mentalmente dos hábitos diários e vivenciar emoções diferentes junto à natureza⁵.

A identificação dessas duas categorias de turistas, a partir do modelo classificatório de Scaleante (2005), torna-se interessante por permitir outros desmembramentos que melhor se aproximam das experiências concretas em espeleoturismo, tal como acontece no modelo de El-Dash & Scaleante (2005). Nessa proposta classificatória as autoras distanciam-se de indicadores tais como grau de adaptação, periodicidade e tipo de visita realizada, para se pautar em parâmetros baseados em sentimentos e motivações manifestas, os quais tendem a induzir comportamentos e reações dos turistas em suas visitas às cavernas. Com base neles, as autoras identificam, dentre os viajantes mais intimamente afeitos a visitas às cavernas, isto é, aqueles que mais se aproximariam da categoria do espeleólogo explorador anteriormente mencionada, três classes distintas de espeleoturistas: os místicos, os aventureiros e os observadores.

Enquanto os místicos possuem uma ligação espiritual com a natureza, a ponto de manifestarem o reconhecimento e a compreensão das limitações humanas diante da grandiosidade das cavernas, os aventureiros se interessam por cavernas com maior grau de dificuldade em sua exploração e que apresentam situações de perigo implícito. Os observadores, por seu lado, são bastante semelhantes aos místicos, sobretudo no tocante à relação de respeito com a caverna. Porém, possuem um caráter investigativo mais acurado, buscando conhecer aspectos relativos à origem do ambiente, de seus possíveis habitantes e outras informações de cunho mais técnico e histórico.

Se os interesses e estímulos que mobilizam esses turistas nas visitas às cavernas são distintos, há fatores comuns que se mostram determinantes nas tomadas de decisões de suas expedições espeleoturísticas. Tal como nas viagens em geral, no espeleoturismo o *status* pessoal, que tanto mais se destaca quanto se pratica um turismo diferenciado (Swarbrooke & Horner, 2002), é um fator relevante na escolha do roteiro. A visita a cavernas pouco exploradas devido à restrição ao acesso – seja pelo preço do roteiro, seja pela necessidade de uso de técnicas específicas para a visita ou mesmo pela necessidade de autorizações específicas –, costuma resultar em destaque pessoal para esses turistas, quando do regresso a seu ambiente social.

Na Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul (BR), encontra-se o Abismo Anhumas, uma caverna com profundidade de 72 metros, cujo acesso se dá através de rapel, ilustra bem essa situação. A restrição às visitas, dado os limites impostos pelo seu plano de manejo, aliada ao alto custo do passeio e suas singularidades técnicas – rapel, caverna, flutuação e mergulho em um único local – são fatores que servem para alimentar a sensação de exclusividade que muitos turistas buscam ao viajar. Aliado à beleza do lugar, que é inegável, esses fatores podem servir de explicação para a viabilidade comercial do atrativo, dado que seu preço é, entre três a vinte vezes, maior do que os outros atrativos da região.

Ademais do *status*, a noção de aventura também é um fator de atratividade no turismo em cavernas. Como a atividade frequentemente oferece algum risco, ou ao menos exige esforço e determinação do praticante, a perspectiva da aventura é latente. O perigo costuma ser, no entanto, controlado. Como demonstraram Spink et al. (2005), os riscos que se apresentam aos praticantes do turismo de aventura, costumam ser delegados a especialistas e seu aparato técnico. Com isso mobiliza-se um mercado de produtos especializados, que compõe justamente os equipamentos que resguardam a segurança dos praticantes. O objetivo dos especialistas está centrado em proporcionar ao turista, de forma controlada e planejada, as sensações de um aventureiro.

No caso particular do espeleoturismo, tal como definido por El-Dash & Scaleante (2005), um certo grau de incerteza é inerente à atividade. Devido às características espaciais, com áreas restritas, caminhos estreitos, a presença de cursos d'água e de desníveis no terreno, o turismo em cavernas costuma oferecer riscos nada desprezíveis a seus praticantes. De outro lado, o confinamento espacial e as dificuldades impostas pelo ambiente adverso condicionam, por vezes, os turistas a prestarem ajuda mútua, conferindo interatividade e trabalho em equipe ao passeio. Esta vivência coletiva é uma característica do turismo de aventura, no qual se buscam experiências que permitam superar a faceta meramente contemplativa da atividade turística.

Devido a essas características, dentre outras situações comuns de estímulo à prática do turismo em cavernas, é difícil observar, na experiência do espeleoturismo, algum indivíduo que se enquadre perfeitamente em um dos três perfis definidos por El-Dash & Scaleante (2005): o místico, o aventureiro ou o observador. Essa tipologia, de caráter “ideal”, serve, no entanto, de referência para identificar variações comportamentais e de interesse entre os praticantes dessa modalidade de turismo, permitindo avançar na compreensão das distintas experiências vividas por esses sujeitos. Do mesmo modo, com maior ou menor grau, esses três tipos de espeleoturistas compõem uma modalidade que se pode considerar diferenciada dos demais turistas de cavernas, pois que se identificam na relação de proximidade e respeito com o ambiente natural, no interesse pelas formações geológicas, na busca por ambientes isolados ou de difícil acesso. É na experiência dessa categoria de turistas que se pauta este estudo, voltado para a análise de alguns dos sentidos envolvidos na percepção e interpretação do ambiente cavernícola por parte desses visitantes e como contribuem para estimular novas sensibilidades pessoais, coletivas e em relação à natureza.

A faceta sagrada do espeleoturismo

As viagens turísticas, de modo geral, colocam os indivíduos na condição de excepcionalidade em relação à vida cotidiana. As normas que regulam práticas diárias tornam-se distendidas e flexíveis no contexto do turismo,

permitindo que comportamentos e ações considerados inapropriados nas relações sociais ordinárias sejam aceitos e valorizados.

Graburn (1995), antropólogo americano que associou a experiência turística à prática ritual, havia chamado a atenção para o contraste entre o mundo habitual – os ambientes doméstico e do trabalho – e a vida não-ordinária, voluntária, desfrutada longe de casa e dos compromissos a ela relacionados. Para ele, o turismo revela-se uma experiência diferenciada, em que o viajante é levado a viver momentos renovadores, excitantes e, em muitos aspectos, transformadores de sua vida. Se MacCannel (1999) havia associado o turismo a uma espécie de peregrinação contemporânea, em busca de vivências e signos sagrados fora da vida cotidiana, Graburn (1995), por seu lado, alertou para o aspecto ritualístico dessa prática, quando o turista é transportado para um espaço liminar em que experimenta novos comportamentos e distintas formas de sociabilidade, além de estar sujeito a adquirir conhecimentos e novas perspectivas em torno do mundo e da vida.

O turismo em cavernas, mais especificamente o que aqui se denomina espeleoturismo, leva ao paroxismo a vivência dessas experiências ritualísticas e sagradas. A começar pelos preparativos das expedições. A escolha das cavernas a serem visitadas define, de antemão, um aspecto de sacralidade, pois que devem ser preferencialmente locais reservados, distantes, pouco explorados e de difícil acesso, ou seja, espaços não ordinários.

Os espeleoturistas que se enquadram na categoria de aventureiros levam esse critério bastante a sério. Referindo-se à experiência de escalar montanhas, Jokinen e Veijola (2006: 270) observam que, para muitos alpinistas certos picos são considerados sagrados por serem distintos, perigosos, tornando-se objeto de aspiração e desejo. São desafios que precisam ser superados. A escalada, nesse sentido, representa o domínio do homem sobre a natureza e a façanha, por si mesma, habilita em qualidades o conquistador. O mesmo acontece em relação às cavernas. Muitas delas se transformam em objeto de disputa, seja para encontrar novos e surpreendentes ambientes no interior das cavidades, seja para descobrir novas conexões com a superfície. Quando concluídas essas jornadas, que se assemelham a “competições” exploratórias, costumam ser vertidas em artigos para revistas especializadas e as cavernas, depois de conquistadas e esquadrinhadas, geralmente deixam de interessar a esses exploradores.

O espeleoturista, mesmo que não esteja em busca de locais inexplorados ou de descobertas e conquistas surpreendentes, que resultem em reconhecimento de seus pares, procuram escolher locais pouco freqüentados, que propiciem visitas personalizadas, sem contato com outros grupos de turistas. Mas, freqüentar espaços inóspitos não é o mesmo que visitar um museu ou uma localidade histórica. Requer preparo físico e psicológico, além do auxílio de equipamentos, que garantam uma experiência de visitação segura e de qualidade. Sendo assim, se o espeleoturismo se realiza em locais pouco conhecidos e explorados, ao seu aspecto ritualístico se conjuga o emprego de

técnicas e equipamentos especiais.

O principal recurso de que necessita um espeleoturista é a luz. Sem ela é impossível a locomoção segura dentro de uma caverna. Outros equipamentos, como capacetes, mochilas com compartimento estanque, roupas e calçados adequados, entre outros, também são de suma importância para a viagem aos ambientes misteriosos e perigosos das cavernas. Alguns desses equipamentos são de uso coletivo, como cordas, escadas, corrimãos e outras estruturas de acesso. O ritual de visitação a uma caverna implica, portanto, no domínio desses equipamentos e seu emprego correto nos momentos exatos. Entrar num ambiente subterrâneo sem portar um desses instrumentos básicos, bem como utilizá-los de forma incorreta, pode inviabilizar o transcurso da visitação, impedindo a concretização do ritual, ou trazer graves consequências, a ponto de colocar em risco a vida do praticante.

O ambiente cavernícola, por si mesmo diferencia-se de qualquer outra paisagem natural. Com suas formações e cenários singulares as cavidades naturais convidam a experiências sensoriais diversificadas, que impõem práticas e comportamentos distintos da vida ordinária ou mesmo de experiências em outros ambientes naturais. Consideravelmente reduzidos e limitados, os espaços das cavernas ora se mostram desafiadores e opressivos, ora surpreendentemente sedutores. Corredores estreitos e confinados, muitas vezes tomados por água corrente, conduzem a salas exíguas, de tetos baixos, pisos elevados e paredes contíguas. Não raro, essas passagens desconfortáveis obrigam o explorador a se contorcer ou mesmo rastejar para chegar a fendas, em muitos casos, sem saída. Outras vezes, esses caminhos conduzem a espaços generosos e arejados ou a amplos e deslumbrantes salões, de dimensões equivalentes a de grandes catedrais.

Com tamanha variação, os espaços subterrâneos convidam a experiências estéticas e emocionais diversas. As áreas amplas seduzem e encantam o olhar do turista. As pessoas não crêem encontrar paisagens tão grandiosas e belas sob camadas espessas de rocha. Tais reações se multiplicam quando os salões são ornamentados por espeleotemas, que imprimem uma beleza singular ao ambiente. Colunas gigantes, estalactites, estalagmites, cortinas e travertinos⁶ costumam sensibilizar os visitantes, que reagem na forma de identidade e respeito para com o mundo natural ou mesmo em termos espirituais⁷. Os espaços confinados, por sua vez, ao apresentarem dificuldades de acesso, ora são associados à idéia de aventura e conquistas, ora promovem sensações de fobia e perigo, sobretudo nos visitantes menos acostumados a esse tipo de ambiente.

Somado às reações decorrentes da espacialidade singular das cavernas, os espeleoturistas também experimentam sensações diferenciadas em função do tempo gasto no interior das cavidades subterrâneas. Confinados em um ambiente restrito e sem luz natural, exceto próximo aos pórticos de entrada e clarabóias, os turistas vivenciam uma desorientação aguda em relação ao tempo. Como o organismo humano é fotocondicionado, excluindo o fato

de alguns deles portarem relógios, a perda da noção temporal é uma consequência quase inevitável no turismo em cavidades subterrâneas.

Scaleante (2003), durante o projeto PETAR- 61, realizado no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), uma importante área de conservação no Sul do estado de São Paulo, submeteu uma pessoa à experiência de longa permanência no interior de uma cavidade subterrânea. Durante 61 dias seguidos um voluntário permaneceu na caverna Alambari de Cima, sem contato direto com o meio externo e sem relógios. Scaleante menciona que essa pessoa perdeu completamente a noção do tempo após alguns dias sem a referência da luz natural, o que foi constatado por meio de equipamentos instalados na caverna. Mesmo em escalas menores de tempo, medidas em termos de horas, tal sensação pode ser experimentada pelo visitante. Ao observar espeleoturistas em visita a cavernas, nota-se que muitas vezes não apenas ignoram o tempo gasto na exploração da cavidade, como frequentemente esquecem de realizar atividades vitais básicas, como se alimentar.

Todos esses fatores reforçam o caráter ritualístico do espeleoturismo. Por mais que o visitante de cavernas esteja ligado a suas referências diárias e urbanas, o contexto espacial e temporal das cavidades naturais induzem a experiências de contraste com práticas e valores cotidianos. Assim, a liminaridade espaço-temporal propiciada pelo espeleoturismo tende a induzir representações singulares que podem se traduzir em discursos e práticas inovadoras⁸ seja sobre a natureza, seja sobre a experiência turística em si mesma.

Os distintos “olhares” na escuridão

Ao tratar da representação espacial decorrente do turismo em montanhas, Jokinen & Veijola (2006) referem-se ao olhar não apenas como o sentido que permite vislumbrar e esquadrihar a paisagem, mas também, e em última instância, o que impele o observador adiante, o que permite a ele alcançar, agir e controlar o espaço à sua frente. No interior de uma caverna, a visão e a mobilidade dela decorrentes estão prejudicados pela falta de luminosidade. O espeleoturista tem o senso visual limitado a uma área restrita, cuja cobertura é dada pelo alcance da luz de sua lanterna. Os movimentos somente se efetivam com o auxílio dos demais sentidos. O tato, sobretudo, mas também, a audição e o olfato são mobilizados numa expedição espeleoturística, informando sobre dimensões espaciais, diferenças de temperatura, correntes de ar, aspereza e rugosidade de rochas, entre outros indicadores.

De acordo com Tuan, referindo-se às metáforas espaciais e seu sentido, “o espaço frontal é primariamente visual e tem a ver com futuro, enquanto o espaço posterior, a retaguarda, está no passado” (Tuan, Apud Jokinen & Veijola, 2006: 260). Nas cavernas, cuja representação no imaginário ocidental por si mesma remete à idéia do passado, a vivência espacial num contexto de escassez demasiada de luz, contém o ímpeto à mobilidade, associando a

espacialidade a uma noção consistente de tempo presente. A desorientação temporal que se abate sobre o espeleoturista é, em parte, produto dessa recorrência do momento presente dada pelos limites da visão. Sem oferecer ao olhar paisagens e cenários infinitamente amplos, passíveis de serem vistos, alcançados e vencidos, mas texturas e impressões táteis que, antes de serem conquistadas, precisam ser conhecidas e decifradas, a visão limitada mantém o indivíduo cativo das extensões finitas e não o impele senão a um movimento lento e cuidadoso. A intensidade da vivência do presente visual e espacial tende a contrapor o espeleoturista a referências sensoriais muito distintas das que experimenta em seu cotidiano, ordenado segundo a profusão de referências da cultura ocidental contemporânea e do ritmo acelerado dos centros urbanos.

No início deste artigo tratou-se da hegemonia da visão na determinação das representações sobre a natureza no mundo moderno. De acordo com Macnaghten & Urry (1998), o senso visual não apenas sobrepujou, mas determinou e organizou os demais sentidos. A cultura ocidental transformou-se fundamentalmente numa cultura visual e estetizada e o turismo, como uma de suas manifestações, uma faceta chave da predominância da visão na consciência moderna (Evans & Spaul, 2006). Mas, se o olhar define os significados de uma paisagem, como inicialmente demonstrado em relação ao ambiente natural, o que, de seu lado, a relação com a paisagem permite ao seres humanos perceberem, sentirem e aprenderem? Que mudanças a experiência turística em cavernas pode vir a promover no modo de perceber e representar os espaços naturais e os sentidos das paisagens e dos ambientes no contexto da sociedade ocidental?

Ao tratar da questão do olhar, e ressaltando a primazia da visão, Jokinen & Veijola (2006: 263) ressaltam que a perspectiva de um alpinista do topo das montanhas “é o mais próximo do olhar de Deus que os humanos conseguem atingir sem o auxílio de máquinas e equipamentos”. Esse olhar expandido, ao mesmo tempo onipotente e conquistador, sugere uma condição de domínio, que, segundo as autoras, está muito associada ao universo simbólico masculino. A natureza, nesse sentido, como encarnação do feminino, pode ser apreciada e dominada através do olhar do alpinista. “O cenário do topo [da montanha] Koli parece, então, estar de acordo com as tendências historicamente masculinas para conquistar, controlar, apreciar de cima algo que é historicamente feminino: natureza, selvageria, mistérios” (Jokinen & Veijola, 2006: 264).

Nas cavidades subterrâneas, pelas próprias peculiaridades ambientais e espaciais, o olhar do turista é muito mais perscrutador do que dominador. Isso geralmente faz das visitas a cavernas experiências introspectivas. Se o alpinista possui um ímpeto expansivo, dado pela visão ampla a partir do cume das montanhas, que induz a sensações como de liberdade e de plenitude, o espeleoturista, ao contrário, volta-se para si mesmo. Geralmente fala baixo, ou se cala, tem um ímpeto reflexivo, quase religioso. O abismo promove e estimula o encontro com o “eu” (Jokinen & Veijola, 2006).

Da perspectiva metafórica do gênero, entretanto, se não é apropriado afirmar que, em oposição ao alpinista, o olhar do espeleoturista se manifesta a partir de uma perspectiva feminina, as explorações cavernícolas, para muitos turistas, trazem consigo um forte significado maternal. O mesmo ambiente que desafia e atemoriza, em grau semelhante acolhe e protege.

As sensações de asfixia⁹, por exemplo, geradas pelos espaços reduzidos e também pela falta de ar – quer seja de origem fisiológica, quer psicológica –, contribuem para desencadear ou incrementar sentimentos de opressão e desconforto. Para muitos, os corredores estreitos e as passagens apertadas representam o fim da visita, o limiar entre o prazer e a insanidade. Para outros tantos, passar por tais lugares representa superar barreiras e limites pessoais. Não raro, entretanto, equivale para os espeleoturistas à experiência simbólica do renascimento. A conquista masculina se converte em condição de filiação.

Se a experiência turística com a natureza tem sido definida, muitas vezes, como mero consumo visual, de paisagens e signos, o espeleoturismo, em sua vertente não massificada, remete a outros significados práticos e sensoriais. O explorador subterrâneo está sujeito a uma série de sinais acústicos que dominam uma caverna, sejam eles o próprio silêncio ou pequenos ruídos de goteiras, cursos d'água, passos humanos, entre outros. As imagens sonoras, tanto quanto as táteis, fazem do “olhar” do turista uma experiência mais plena de sentidos.

Evans & Spaul (2006), assinalam que os ambientes estão embebidos de códigos provenientes de diferentes contextos sociais. Como tal, o contato com as paisagens remete à reflexão, talvez “invertida e irônica”, dessas referências culturais (p.216). As vivências liminares do espeleoturismo, mesmo sem deixar de ser uma modalidade de consumo, ao exercitarem sentidos pouco estimulados no cotidiano e ao contraporem sensações ambíguas às representações da natureza, tendem a induzir novas referências pessoais e culturais, seja em termos de concepção de paisagens, de posturas frente à natureza¹⁰, seja em relação ao sentido mesmo da experiência turística.

Conclusão

Diversas são as categorias de freqüentadores de cavidades subterrâneas e difícil o seu enquadramento em um esquema classificatório. Esportistas, pesquisadores, visitantes ocasionais, dentre outras, são categorias de visitantes cujos interesses em muitos aspectos se assemelham e muitas vezes se sobrepõem. Os esforços classificatórios, ainda que favoreçam a gestão pública e orientem o mercado, não conseguem abranger a diversidade de situações pertinentes a visitas às cavidades naturais. El Dash e Scaleante (2005), ao proporem uma definição e uma classificação mais detidas nas modalidades de turismo em cavernas, o espeleoturismo, contribuem para esse debate ao evidenciarem a variedade e complexidade das experiências que envolvem as visitas às cavidades subterrâneas. Como tal, aludem ao turismo massificado e àquele

inspirado em motivações de ordem mística, aventureira ou com o propósito de observação descomprometida. Informado dessa diversidade, este estudo se propôs analisar as variações sensoriais e os sentidos das experiências vividas por essas categorias de espeleoturistas, que praticam o turismo não massificado, buscando revelar se e de que maneira a prática dessa modalidade singular de visita turística poderia induzir diferentes sensibilidades que se traduzissem em novas posturas e representações frente à natureza e à vida coletiva.

Dominada e controlada para e pelo turismo, seja em termos de acesso e infra-estrutura, seja como representação cultural ou artifício de marketing, a natureza não é meramente paisagem ou lugar a ser aleatoriamente consumido pelo turista. A visita espeleoturística, sobretudo a praticada pelo turista não massificado, induz uma experiência espaço-temporal singular. Ela não apenas estimula manifestações mentais e reações emocionais distintas da vida ordinária, decorrentes de sua condição de liminaridade, mas remete a um processo sensorial e psíquico comumente antagônico ao experimentado na vida cotidiana. A hegemonia do olhar cede lugar a vivências de outros sentidos. No contexto do espeleoturismo, a visita às cavidades subterrâneas, não raras vezes, induz a um processo de conhecimento, tanto do indivíduo em relação a si mesmo quanto social, cultural e ambiental, que decorre, dentre outros aspectos, das referências semânticas de conteúdo ambíguo que a experiência de visita coloca em ação, dos desafios que propõe e das metáforas existenciais que o ambiente mobiliza. Nesse sentido, “o indivíduo não apenas habita o espaço, a paisagem ou a cultura visual, mas vive em relação a eles, num processo de vir a ser. O ‘eu’ e o objeto são reconfigurados no processo de encontro e performance” (Crouch & Lübbren, 2006: 11).

Se a princípio foi indicado, com base em Macnaghten & Urry (1998), que a razão e o modo pelo qual os sentidos humanos particulares são estimulados decorrem, para além dos aspectos físicos do ambiente, de determinações sociais e culturais, por meio da experiência espeleoturística pode-se afirmar que o processo de percepção sensorial é um caminho de mão dupla. As representações históricas em torno da natureza determinam o modo de se perceber e se relacionar com os distintos ambientes. As visitas às cavernas, porém, no que tange ao contexto do espeleoturismo, sendo experiências inusitadas e intensas, que estimulam explorações imaginativas e o exercício de sensações comumente desprezados na vida ordinária, tendem a promover a elaboração de novas referências e representações culturais em torno dos ambientes naturais que, por sua vez, podem induzir novas posturas e maneiras de se relacionar pessoal e socialmente e com a natureza.

Bibliografia

- Alighieri, Dante.
1998 *A divina comédia – Inferno*. São Paulo: Ed. 34.
Augé, Marc.
1999 “Voyage et ethnographie, la vie comme récit”.

- L'Homme*, 151: 11-20.
- Banducci Jr, Alvaro.
- 2006 *Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-Grossense*. Campo Grande: UFMS.
- Corbin, Alain.
- 1989 *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Crouch, David & Lübbren, Nina (ed).
- 2006 *Visual culture and tourism*. Oxford: Bergpublishers.
- Delumeau, Jean.
- 1990 *História do medo no Ocidente, 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- El-Dash, L.G.; Scaleante, O.A.F.
- 2005 “Atitudes de freqüentadores de cavernas: um estudo usando metodologia ‘Q’”. En *Congresso Brasileiro de Espeleologia*, 28, Campinas, SP. Anais. Campinas: SBE.
- Evans, Simon & Spaul, Martin.
- 2006 “Straight ways and loss: the tourist encounter with woodland and forests”. En Crouch, David & Lübbren, Nina (ed). *Visual culture and tourism*. Oxford: Bergpublishers. p. 205 -222.
- Figueiredo, L.A.V. de.
- 1998 “Cavernas brasileiras e seu potencial ecoturístico: um panorama entre a escuridão e as luzes”. En: Vasconcelos, F.P. (org.) *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: UECE.
- 2010 “Cavernas como paisagens racionais e simbólicas: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas. São Paulo. 466 p. Tese (Doutorado em Geografia Física). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Graburn, Nelson H. H.
- 1995 “Tourism: the sacred journey”. En Smith, Valene L. *Hosts and Guests, the Anthropology of tourism*. 2 ed, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp: 22-36.
- Jokinen, Eeva & Veijola, Soile.
- 2006 “Mountains and landscapes: towards embodied visualities”. En: Crouch, David & LÜBBREN, Nina (ed). *Visual culture and tourism*. Oxford: Bergpublishers, p. 259 – 278.
- Lewis, C.S.
- 1986 *A cadeira de prata*. Tradução Paulo Mendes Campos. São Paulo: ABU. 162 p. (As crônicas de Nárnia, v. 6).
- Lobo, Heros A.S.
- 2004 *A percepção dos impactos ambientais do ecoturismo no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira e nas comunidades de entorno*. Lavras: UFLA. 86 p. Monografia (Especialização em Gestão e manejo ambiental em sistemas florestais), Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal de Lavras.
- 2011 *Estudo da dinâmica atmosférica subterrânea na determinação da capacidade de carga turística na caverna de Santana (PETAR, Iporanga-SP)*. Rio Claro. 392 p. Tese (Doutorado em Geociências e meio ambiente), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- Maccannell, Dean.
- 1999 *The tourist; a new theory of leisure class*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press
- Macnaghten, Phil & Urry, John.
- 1998 *Contested natures*. London: SAGE Publications Ltd.
- Rasteiro, M.A.
- 2007 “A problemática da classificação de visitantes de cavernas em unidades de conservação”. En: Rasteiro, M.A.; Silva, L.A. da.; Levy, M. de O.P.; Lucon, T.N.; Renó, R. (Eds). *Anais do 29º Congresso Brasileiro de Espeleologia*. Ouro Preto: SBE/SEE. p.239-250.
- Santos Filho, J.
- 2005 “Ciência do turismo se produz no processo das contradições epistemológicas de seus saberes”. Espaço acadêmico, Maringá, n. 47. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/044/47jsf.htm>>.
- Scaleante, J.A.B.
- 2003 *Avaliação do impacto de atividades turísticas em cavernas*. Campinas: UNICAMP. 82 p. Dissertação (Mestrado em Geociências), Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.
- 2005 “Uso de cavernas como produto turístico”. En: Trigo, L.G.G.; Panosso Netto, A.; Carvalho, M.A.; Pires, P.S. (eds.) *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca.
- Spink, M.J.P.; Galindo, D.; Cañas, A.; Souza, D.T.
- 2004 “Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura”. *Psicologia & sociedade*, Porto Alegre, 16(2): 81-9.
- Spink, M.J.P.; Aragaki, S.S.; Alves, M.P.
- 2005 “Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura”. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, 18(1): 26-38.
- Steil, Carlos A.
- 2003 “Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, 20: 249-261.
- Swarbrooke, J.; Horner, S.
- 2002 *O comportamento do consumidor em turismo*. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Aleph.
- Thomas, Keith.
- 1988 *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Travassos, L.E.P.
2010. “A importância cultural do carste e das cavernas”. 2010. 372 p. Tese (Doutorado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Tuan, Yi-fu.
- 1988 *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.
- Urry, John.
- 1996 “O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas”. São Paulo: Studio Nobel: SESC.

Notas

- 1 As referências em inglês aparecem traduzidas pelos autores deste artigo.
- 2 Segundo Macnaghten & Urry (1998), o incremento nas viagens transnacionais, impulsionadas sobretudo pelo turismo, definiram uma percepção própria dos ambientes visuais, orientada pelo sentido do olhar. Os passeios no campo, as caminhadas nas praias e nas montanhas, a escalada de picos, entre outros, fundamentavam-se num novo senso estético, cujo parâmetro era dado pelo senso visual.
- 3 É essa mescla de emoções e sentimentos antagônicos, aliás, que conduzem à sintomática associação das cavernas, bem como a de picos elevados e outros ambientes de difícil acesso, à noção de aventura, representado pela idéia de provação e desafio. O romance *“Viagem ao centro da terra”*, de Júlio Verne, ilustra bem esse aspecto. Nele, os protagonistas fazem uma viagem ao interior de um vulcão na Islândia, cercados de aparatos técnicos que os protegem dos supostos males do ambiente. A obra fictícia é também uma viagem no tempo, enfatizando uma associação recorrente entre as cavernas e o passado.
- 4 Scaleante (2005) propõe cinco categorias de visitantes a cavernas – o turista ocasional, o turista comum ou convencional, o turista assíduo, o cientista e o espeleólogo explorador – cujas características, em muitos casos, se sobrepõem. O turista ocasional, por exemplo, aquele que visita cavernas em ocasiões esporádicas e, muitas vezes, induzido por circunstâncias fortuitas, pode fazê-lo na condição de um turista convencional (ou de massa), ou mesmo na de estudioso.
- 5 Mesmo turistas que procuram visitar lugares de difícil acesso e consideravelmente distintos do turismo convencional, encontram, muitas vezes, dificuldade para romper com a rotina ou, ao menos, para se desvincular de suas demandas de conforto e comunicabilidade, como é o caso do uso de telefones celulares e aparelhos eletrônicos. Para muitos, romper com a rotina, trazendo emoções e desafios inusitados, não implica num processo radical, privado de alguns dos confortos urbanos.
- 6 Colunas, estalactites, estalagmites, cortinas e travertinos são tipos distintos de formações que ocorrem em cavernas, os chamados espeleotemas.
- 7 Os adornos que decoram cavernas, com suas mais diversas formas, costumam instigar os visitantes à visão de imagens divinas. Exemplos disso são a formação conhecida como *O Cristo*, na caverna de Santana, PETAR; bem como a estalactite d’*O Guardião*, no Abismo Anhumas, em Bonito.
- 8 Para Augé (1999), é a narrativa que dá sentido à experiência do viajante. É ela que torna o deslocamento, e tudo que nele está implicado – seja o perigo, o desconforto, seja o prazer ou o deslumbramento –, referência para o espírito e animação dos sentidos. Como tal, dela advém a possibilidade de conhecimento na vivência do turismo, seja de si, do outro ou das circunstâncias e ambientes com que o viajante se relaciona (Cf. Banducci Jr, 2006: 191).
- 9 A título de exemplo, cita-se a travessia entre as cavernas do Couto e do Morro Preto, no PETAR. O ponto de junção entre ambas é formado por estreitas fendas entre blocos rochosos caídos, conhecido no meio espeleoturístico como “passagem do aborto”. Muitos turistas, portadores de claustrofobia e labirintite já vivenciaram momentos desconfortáveis no local, quase entrando em desespero. É comum encontrar na *internet* relatos entusiasmados e vaidosos de pessoas que conseguiram vencer esse obstáculo.
- 10 Em relação à postura dos espeleoturistas diante dos ambientes naturais, Lobo (2004), ao pesquisar a percepção de visitantes à caverna de Santana, no PETAR, sobre os impactos de sua atividade, identificou que eles compartilham uma percepção clara de que produzem efeitos negativos no ambiente. Da mesma forma, consideram importante praticar medidas cuidadosas que reduzam esses impactos. A natureza, comumente vista como um domínio a ser conquistado, é a mesma que requer proteção e cuidados. Esse raciocínio, por si mesmo, constitui uma objeção à lógica que identifica no mundo natural uma instância a ser dominada e controlada segundo os interesses do homem.

<i>Recibido:</i>	08/09/2011
<i>Reenviado:</i>	04/03/2012
<i>Aceptado:</i>	10/03/2012
<i>Sometido a evaluación por pares anónimos</i>	